FRAGMENTOS DE CULTURA
Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS (PUC GOIÁS)

A AÇÃO SEM NOME: INVISIBILIDADE E DESQUALIFICAÇÃO DO TRABALHO FEMININO EM *LARGADOS E PELADOS*

ELISA PIMENTEL BARBOSA
Instituto Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil
elisapbarbosa@gmail.com
orcid.org/0000-0002-0463-1534

MARIA IZABEL MACHADO
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil
mariaizabelmachado@ufg.br
https://orcid.org/0000-0001-8148-6062

PRISCYLLA LORRANA RODRIGUES PRAZERES DE MOURA
Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, GO, Brasil
priscylla700672@prof.semecsenadorcanedo.com.br
orcid.org/0000-0001-6496-2215

RESUMO: o artigo analisa criticamente as considerações acerca do trabalho feminino em contextos de sobrevivência a partir do reality show *Largados e Pelados*. O objetivo é compreender como as práticas realizadas por mulheres, como cuidado, resistência física e técnica de adaptação, são consideradas nos critérios de avaliação no programa. A investigação adota abordagem qualitativa, com base em análise do discurso de episódios selecionados, observando falas, enquadramentos e pontuações finais. A análise é fundamentada em referenciais feministas críticos que discutem a divisão sexual do trabalho, o apagamento simbólico das ações femininas e as desigualdades de reconhecimento. Conclui-se que o programa reproduz e reforça padrões de gênero, tornando desvalorizada a ação feminina como trabalho legítimo e estratégico, mesmo quando essencial à sobrevivência.

Palavras-chave: Divisão sexual do trabalho. Gênero e mídia. Representações de gênero. Reality show.

THE NAMELESS ACTION: INVISIBILITY AND DISQUALIFICATION OF WOMEN'S WORK IN NAKED AND AFRAID

ABSTRACT: the article critically analyzes considerations about women's work in survival contexts based on the reality show Naked and Afraid. The objective is to understand how practices carried out by women, such as care, physical resistance and adaptation techniques, are considered in the program's evaluation criteria. The investigation adopts a qualitative approach, based on discourse analysis of selected episodes, observing statements, framings and final scores. The analysis is grounded in critical feminist references that discuss the sexual division of labor, the symbolic erasure of female actions and recognition inequalities. It is concluded that the program reproduces and reinforces gender patterns, devaluing female action as legitimate and strategic work, even when essential for survival.

Keywords: Sexual division of labor. Gender and media. Gender representations. Reality show.

O programa *Largados e Pelados*, cujo nome original é Naked and Afraid, estreou em 2013 e é exibido pelo canal Discovery Channel. O reality show apresenta duplas formadas, em geral, por um homem e uma mulher, submetidas a 21 dias de sobrevivência em ambientes extremos, sem acesso a recursos básicos. O formato, centrado na exposição do corpo e na avaliação constante de desempenho, constitui um campo privilegiado para a observação das formas de reconhecimento do trabalho em condições limite.

Ainda que se saiba que esses limites e os conhecimentos dos participantes são constantemente analisados e colocados à prova, não há nenhum registro em qualquer fonte oficial que informe como são atribuídas as notas da avaliação de sobrevivência primitiva (ASP), o programa apenas informa, no início de cada episódio, que essa nota é atribuída por especialistas em sobrevivência.

A ausência de critérios explícitos para a atribuição da ASP constitui elemento central para esta investigação. Parte-se da hipótese de que, em contextos nos quais os parâmetros de avaliação não são publicizados, o reconhecimento do desempenho desloca-se para o campo simbólico e discursivo, tornando-se atravessado por valores sociais

Recebido em: 07/08/2025. **Aprovado em:** 26/08/2026.
DOI: dx.doi.org/10.18224/frag.v36i1.15414
Editor-Chefe: Mariosan de Sousa Marques | orcid.org/0000-0002-8537-0304

OPEN ACCESS
CC BY NC ND

e hierarquias de gênero. Assim, a análise das notas e de suas justificativas narrativas permite observar não apenas o desempenho técnico dos participantes, mas as formas pelas quais determinadas ações são legitimadas ou desqualificadas como trabalho.

A problemática desta pesquisa emerge justamente dessa ausência de critérios transparentes e da recorrência de um padrão desigual de reconhecimento entre homens e mulheres no programa. Embora as participantes mulheres realizem ações centrais para a manutenção da vida, como cuidado, organização do abrigo, obtenção de água, identificação de riscos ambientais, resistência física e suporte emocional, tais práticas tendem a ser narradas como complementares, naturais ou coadjuvantes. Ao mesmo tempo, ações masculinas são frequentemente apresentadas como técnicas, estratégicas e decisivas para a sobrevivência. Diante disso, pergunta-se: de que modo o programa *Largados e Pelados* reconhece, invisibiliza ou desqualifica o trabalho feminino em contextos extremos de sobrevivência?

A partir dessa questão, o objetivo geral do artigo é analisar como o trabalho feminino é simbolicamente reconhecido ou deslegitimado no programa *Largados e Pelados*, considerando a relação entre as ações efetivamente desempenhadas pelas participantes, as narrativas construídas pela edição e as pontuações atribuídas pela ASP.

A justificativa do estudo reside na importância de compreender como produtos midiáticos de ampla circulação reproduzem, atualizam ou tensionam desigualdades de gênero. Ainda que se trate de um programa de entretenimento, *Largados e Pelados* opera com discursos sobre competência, resistência, corpo, liderança e desempenho, elementos que extrapolam a narrativa televisiva e dialogam com formas sociais mais amplas de valorização do trabalho. Assim, analisar o modo como o trabalho feminino aparece nesse reality contribui para os estudos de gênero e comunicação, especialmente ao evidenciar como ações essenciais à vida podem ser simbolicamente apagadas quando realizadas por mulheres.

Para a análise aprofundada, selecionou-se intencionalmente o episódio da 18ª temporada que apresenta Mandy, primeira participante biamputada do programa, em razão de seu caráter inédito e da possibilidade de observar, de forma intensificada, os mecanismos de reconhecimento e desqualificação do trabalho feminino em condições extremas.

A análise concentrou-se nas falas, narrações, enquadramentos e justificativas das pontuações inicial e final dos participantes. O episódio foi examinado à luz de referenciais feministas críticos que discutem a divisão sexual do trabalho, o apagamento simbólico das ações femininas, o cuidado como prática invisibilizada e as desigualdades de reconhecimento. Desse modo, o artigo sustenta que o trabalho feminino, mesmo quando técnico, estratégico e indispensável à sobrevivência coletiva, tende a ser naturalizado e excluído do campo do reconhecimento legítimo.

LARGADOS E PELADOS - PERCURSOS METODOLÓGICOS

Para a compreensão geral do programa, foram analisados os dados de 26 episódios, correspondentes aos três primeiros de cada temporada entre a 1ª e a 9ª, com exceção do primeiro episódio da 7ª temporada, excluído por ausência de nota final atribuída ao participante masculino, que deixou o programa por razões médicas. Os dados revelam que os homens apresentam maior taxa de desistência em comparação às mulheres. No entanto, observa-se que tanto as notas iniciais quanto as finais atribuídas às participantes femininas são, em média, inferiores às dos participantes masculinos.

Tabela 1: Médias ponderadas

Gênero	Média da ASP inicial	Média da ASP final	% de desistência
Feminino	6,8	7,0	22,22%
Masculino	7,2	7,2	25,93%

Fonte: Elaboração da autora com base em dados extraídos do conteúdo audiovisual de episódios do programa *Largados e Pelados.*

Essa análise incluiu episódios adicionais de temporadas mais recentes, especificamente, o episódio 1 das temporadas 17 e 18, além do episódio 3 da temporada 13. Este último, entretanto, contou com três participantes (dois homens e uma mulher). Nesse caso, tanto a mulher quanto um dos homens desistiram do desafio, mas, mesmo ela tendo permanecido por mais tempo, sua nota final foi inferior à do participante masculino que desistiu antes.

Tabela 2: ASP inicial e final dos Ep. 1 das Temporadas 17 e 18

Temporada	ASP inicial Homens	ASP inicial Mulheres	ASP final Homens	ASP final Mulheres
17	7,2	6,7	7,7	7,1
18	6,5	6,7	6,9	7,1

Fonte: Elaboração da autora com base em dados extraídos do conteúdo audiovisual de episódios do programa Largados e Pelados.

A apresentação desses dados possui finalidade analítica e não estatística. Busca-se evidenciar a recorrência de um padrão de atribuição desigual de reconhecimento entre participantes masculinos e femininos. Ainda que os homens apresentem maior taxa de desistência, as mulheres recebem, em média, pontuações inferiores, o que sugere a existência de um regime simbólico de avaliação no qual determinadas ações são legitimadas como centrais à sobrevivência enquanto outras permanecem naturalizadas e invisibilizadas.

A escolha do episódio central deste artigo ocorreu de forma intencional, considerando a presença inédita de uma participante mulher biamputada. A singularidade dessa configuração permite observar, de forma intensificada, os

mecanismos de reconhecimento e desqualificação do trabalho feminino em condições extremas de vulnerabilidade e desempenho. O objetivo não é alcançar representatividade estatística, mas identificar padrões simbólicos que se manifestam nas notas atribuídas e nos discursos narrativos que as justificam

A pesquisa se desenvolve por meio de uma abordagem qualitativa de natureza crítica, tendo como objetivo compreender a relação simbólica do trabalho feminino em um reality show contemporâneo denominado *Largados e Pelados* e a atribuição de uma nota denominada Avaliação de Sobrevivência Primitiva (ASP) a este trabalho.

Ao ter como objetivo a compreensão simbólica do trabalho feminino, pressupõe-se que tal investigação não se limita à descrição dos acontecimentos no episódio, mas busca interpretar cada gesto, palavra, narrativa, contradições e pontuações apresentadas pela edição, além de os sentidos atribuídos socialmente ao que é ou não considerado "trabalho".

De acordo com Minayo (2012), a análise qualitativa busca realizar interpretações além do aparente, tendo em vista que a "evidência primeira nunca é uma verdade fundamental" (p. 624). Nesse sentido, exigiu-se da pesquisadora uma capacidade interpretativa que vislumbrasse os sentidos não expressados pelos autores e, portanto, uma análise crítica.

O estudo concentra-se no caráter crítico, realizando uma análise dos discursos (Análise Crítica do Discurso - ACD), uma vez que a "ACD busca superar uma lacuna entre teorizações baseadas na linguagem e pesquisas voltadas para uma explanação do papel da linguagem em práticas sociais contextualizadas" (Salles; Dellagnelo, 2019, p. 416).

Tendo em vista que a linguagem está carregada de julgamentos sociais, expressões culturais e relações de poder, pressupõe-se, para este artigo, que ela não é neutra (Salles; Dellagnelo, 2019) sendo assim, os discursos foram analisados à luz do campo teórico feminista com o intuito de compreender os sentidos atribuídos ao trabalho feminino no contexto do programa. O episódio foi analisado de acordo com o contexto em que os participantes foram retratados, tendo como suporte um diário de observação.

A análise foi orientada por cinco categorias teórico-analíticas derivadas do referencial feminista materialista e dos estudos sobre divisão sexual do trabalho: (i) divisão sexual do trabalho, observando a distribuição e a valoração das tarefas de sobrevivência; (ii) o corpo como ferramenta, considerando as formas de utilização e limitação corporal como instrumento de trabalho; (iii) cuidado como prática invisível, examinando ações voltadas à manutenção da vida frequentemente desqualificadas como trabalho; (iv) reconhecimento simbólico, analisando os discursos e enquadramentos narrativos que legitimam ou deslegitimam determinadas ações; e (v) avaliação, observando a atribuição das notas e as justificativas que as sustentam.

Essas categorias orientaram a leitura do episódio e estruturaram a interpretação dos dados empíricos, permitindo articular o referencial teórico à análise das práticas e narrativas observadas.

PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE GÊNERO, TRABALHO E RECONHECIMENTO

O tema da divisão sexual do trabalho parece pautar-se popularmente em questões pontuais, como a sobrecarga do trabalho doméstico para as mulheres ou os baixos salários atribuídos a elas em comparação aos homens (Hirata; Kergoat, 2007). A questão que se coloca diante disto é que o trabalho realizado pelas mulheres é posto como esvaziado de sentido e de análise, a aparência é que o trabalho doméstico, de cuidado e de reprodução da vida, característico da atuação feminina em nossa sociedade, está posto "apenas [como] um apêndice do trabalho assalariado" (Hirata; Kergoat, 2007, p. 599).

Essa compreensão permite analisar situações em que ações essenciais à sobrevivência permanecem simbolicamente desqualificadas quando realizadas por mulheres, mesmo em contextos nos quais assumem centralidade material.

O caráter reprodutivo do trabalho feminino, trata-se do trabalho de reprodução e de cuidado, seja com as crianças, com os idosos ou com o ambiente doméstico. A sociedade masculina e econômica parece esquecer ou propositalmente ignorar que "tal trabalho, constituído tanto de labor afetivo como de labor material e frequentemente realizado sem paga, é indispensável para a sociedade. Sem ele, não poderia haver qualquer cultura, qualquer economia, qualquer organização política" (Fraser, 2020, p. 262).

Dessa forma, reconhece-se como atividades vinculadas à manutenção da vida tendem a ser naturalizadas e desqualificadas como trabalho, mesmo quando constituem condição material de sobrevivência em contextos extremos.

Defende-se aqui que o trabalho feminino é parte fundamental para o desenvolvimento humano e social, essencial para a manutenção da vida e que não se trata de uma atribuição natural, mas que exige esforço, aprendizagem, paciência e inteligência para ser executado. Por outro lado, "não oblitera o fato de que se trata, também, de trabalho não qualificado, mal pago, não reconhecido, e que as mulheres normalmente não têm a opção de escolher fazê-lo ou não" (Kergoat, 2016, p. 19). Nesse quadro teórico, a desvalorização histórica da mulher como sujeito social implica a desqualificação de suas práticas como trabalho legítimo.

A questão que se coloca é que com a desvalorização da mulher como ser humano, o seu trabalho também passa a ser desprovido de valor, seja ele qual for e, qualquer que seja sua atuação em nossa sociedade, suas ações passam a ser consideradas apenas naturais, primitivas, instintiva e complementar.

Evidencia-se, então, a narrativa de que não há trabalho onde há ação feminina constante e essencial, operando não apenas pela ausência de reconhecimento institucional e econômico, mas também por mecanismos discursivos

e culturais que retiram das mulheres o estatuto de sujeito que produz, tanto na linguagem, associando o trabalho ao espaço público e assalariado, ou nas políticas públicas, que desconsideram as demandas do cuidado como responsabilidade coletiva, bem como na divisão sexual dos espaços sociais, atribuindo à mulher o lar e ao homem o mundo.

Trata-se de um regime de reconhecimento seletivo, no qual determinadas ações femininas são percebidas como naturais e, portanto, excluídas do estatuto de trabalho.

Em diálogo com essa compreensão estrutural do cuidado como trabalho invisibilizado, Tamanini (2018) propõe uma leitura epistêmica do cuidado. Tal lógica é tão aplicada ao sexo feminino que a eficiência delas é medida pelo quanto suas casas estão arrumadas, seus filhos bem engomados e as condições higiênicas do espaço doméstico em dias. Trata-se de um pacto civilizatório.

Se o marido ou filho não fazem sua parte no ambiente doméstico, o problema é da mulher, como se elas não estivessem cuidando bem de tudo e de todos. Essa lógica de desqualificação simbólica constitui eixo analítico central para a leitura das práticas de sobrevivência desempenhadas pelas participantes mulheres no programa investigado.

Trata-se de relacionar o cuidado "às características da multiplicidade epistêmica que o próprio cuidado possui" (Tamanini, 2018, p. 33). Acontece que para se manter as aparências é preciso um labor constante, trata-se da manutenção da vida, atividade esta a qual denominar-se-á aqui de cuidado. Nesse sentido, envolve afeto, ligar-se ao outro, compreender suas necessidades além daquilo que lhe é solicitado, atentar-se às necessidades humanas básicas como alimentação e higiene, além de prestar suporte emocional e relacional com o outro, que exigem envolvimento contínuo, dedicação constante e submissão às necessidades de outrém.

Ainda sobre a análise da divisão desigual do cuidado entre os gêneros, dados empíricos provenientes de pesquisas sobre trabalho doméstico reforçam a persistência desse cenário. Apesar de os homens estarem, atualmente, participando timidamente de algumas atividades domésticas, ainda assim elas são pontuais e, mais do que isso, tais participações são frequentemente percebidas como excepcionais e destacadas no interior da divisão doméstica do trabalho, que o diferencia dos demais, ou melhor, das demais mulheres. Para Madalozzo, Martins e Shiratori (2010, p. 551):

> A participação dos homens no trabalho doméstico aumentou nos últimos 50 anos, mas é bem inferior à das mulheres e, para bases de dados mais aprofundadas na questão das características do trabalho efetivamente realizado dentro das residências, também se descobre que as tarefas mais 'nobres' do trabalho doméstico são relegadas aos homens.

Nesse sentido, fazer alguma atividade essencial para a manutenção da vida humana, sendo homem, é destacar-se como ser humano, até porque não se trata de uma função "natural" para eles, como busca-se atribuir às mulheres, e sim como algo extraordinário. Mesmo quando há ampliação da participação masculina no trabalho doméstico, permanece uma hierarquização simbólica das tarefas, na qual determinadas atividades realizadas por homens adquirem maior visibilidade e reconhecimento.

Na medida em que as competências associadas ao cuidado e à manutenção da vida são socialmente atribuídas às mulheres como disposições naturais, e não como saberes socialmente construídos, produz-se um efeito de não reconhecimento dessas práticas como trabalho especializado. A essência é de que "esse conhecimento nas mulheres tem sido considerado "intuitivo" ou instintivo, uma função da anatomia conjugada com destino" (Gilligan, 1982, p. 28) e a consequência disso é o desmerecimento.

Apesar disso, a ausência das mulheres na vida humana relacional pode causar um desequilíbrio nas relações sociais. Exemplo disso é o quanto as mulheres se apresentam como a estrutura basilar da união familiar. De acordo com a autora, "as mulheres não apenas se definem num contexto de relacionamento humano, mas também se julgam em termos da sua capacidade de cuidar. O lugar das mulheres na vida dos homens tem sido [...] daquelas redes de relacionamentos nas quais ela por sua vez confia" (Gilligan, 1982, p. 27).

Como sugere Gilligan (1982), ao se colocarem no centro das redes de cuidado e relacionamento humano, as mulheres acabam exercendo um papel estruturante nas relações familiares. Essa centralidade se revela, por exemplo, na observação de fenômenos cotidianos, como quando a matriarca de uma família falece, revelando que a aparente coesão familiar não era fruto de vínculos espontâneos, mas sim resultado da gestão relacional que ela exercia. Sua ausência desestrutura a dinâmica cotidiana, tornando visível o trabalho antes invisível de manutenção dos laços afetivos e organizacionais.

Aprofundando agora a dimensão material da opressão, torna-se importante considerar também a deslegitimação do poder de atuação do corpo feminino frente às ferramentas disponíveis. Essa questão não se apresenta ao acaso, busca-se compreender a invisibilidade de suas ações diante a limitações claras daquilo que a mulher pode ou não utilizar como instrumento de trabalho.

A delimitação histórica dos instrumentos utilizados por homens e mulheres não constitui um fenômeno recente nem tampouco natural, mas expressa relações sociais de poder que estruturam a divisão sexual do trabalho. Se à mulher cabe a responsabilidade de sobrevivência das crianças, além da já mencionada atribuição ao cuidado, a tarefa da caça, considerada tão imponente e importante, não poderia caber a elas, não em função de uma suposta incapacidade física ou cognitiva, mas em razão de limitações socialmente impostas ao acesso a instrumentos e tecnologias. Conforme afirma Tabet (2014).

> É preciso questionar o que significou e o que significa até hoje o fato de um sexo ter tido acesso à possibilidade de estender-se além do próprio corpo físico com

> instrumentos que ampliam enormemente seu domínio sobre as coisas e sobre a sociedade e que o outro sexo tenha ficado, ao contrário, limitado ao próprio corpo, às operações a mãos nuas ou, em todo caso, aos instrumentos mais simples de cada sociedade (Tabet, 2014, p. 111).

A autora demonstra que às mulheres cabe o uso de seu próprio corpo, qualquer que seja sua operação. A colheita não é facilitada com instrumentos altamente elaborados, não há possibilidade de elas carregarem mais equipamentos, devido ao fato de que é preciso que carreguem suas crianças e, assim, o seu corpo se torna cada vez mais sobrecarregado, encurvado e exposto.

Ainda assim, elas buscam reconhecer o território, encontrar alimentos comestíveis e não tóxicos, manter o fogo, purificar a água, porém limitada a um espaço físico por não possuírem instrumentos que possam tanto defendê-las de perigos maiores, quanto levá-las mais distantes. De acordo com a mesma autora citada, "são precisamente os instrumentos utilizados que determinam a atribuição de diversas atividades às mulheres ou sua exclusão delas" (Tabet, 2014, p. 113).

Tal formulação permite compreender que a divisão sexual das atividades não decorre de aptidões naturais, mas das condições materiais de acesso a instrumentos e tecnologias, que definem quais práticas são reconhecidas como complexas, especializadas ou socialmente valorizadas.

Ainda que estejam restritas ao próprio corpo como ferramenta de trabalho, "a subsistência depende em grande parte do trabalho das mulheres" (Tabet, 2014, p. 119), entretanto é um trabalho considerado não complexo e, portanto, facilmente realizável por qualquer um, a qualquer momento. Ignora-se o fato de que sem instrumentos complexos as mulheres necessitam usar as mãos, os dentes e o próprio corpo para qualquer que seja a atividade, além de não dispor de tempo livre, tendo em vista o fato de que nada está posto facilmente ao seu alcance (Tabet, 2014). Para a autora:

> Seu trabalho poderá ser "a tempo integral", mas estritamente subordinado àquele que possui e utiliza o instrumento e as técnicas fundamentais. É assim que se criam as situações em que as mulheres não são "artesãs-especialistas" em tempo integral, mas são empregadas como força motora ou tempo-paciência (Tabet, 2014, p. 158).

Tal formulação reforça a compreensão de que o trabalho feminino tende a ser socialmente enquadrado como complementar às atividades masculinas, raramente reconhecido como autônomo ou estruturante; a apropriação do corpo feminino ultrapassa a dimensão simbólica e assume caráter material e estrutural. Para Guillaumin (2014, p. 35) "tudo se passa como se a esposa pertencesse em nua-propriedade ao esposo e a classe das mulheres pertencesse em usufruto a cada homem e, particularmente, a cada um que tenha adquirido a utilização privada de uma delas".

Nesse contexto, o trabalho de reprodução, seja biológico, afetivo ou social e que é realizado pelas mulheres, é concebido como um favor que não precisa ser solicitado, pois, na verdade, entende-se que este favor é mera obrigação para com tudo o que os homens puderam ter feito ou pelo que farão.

Nessa lógica de apropriação, o corpo feminino torna-se socialmente disponível não apenas para a reprodução biológica e o cuidado, mas também para a satisfação sexual, a recuperação emocional e a sustentação simbólica da centralidade masculina, configurando uma complementaridade funcional que reforça a assimetria de poder.

Até este momento buscou-se categorizar o trabalho feminino como um fazer invisibilizado, desqualificado e apropriado. Com essa base teórico-analítica, buscou-se observar como tais categorias se manifestam na dinâmica do programa *Largados e Pelados*, especialmente no modo como o desempenho das participantes mulheres é interpretado e simultaneamente invisibilizado, desqualificado e apropriado.

SEM PERNAS, SEM PROBLEMAS

O título deste tópico corresponde ao nome do primeiro episódio da 18ª temporada. Mandy, participante mulher analisada, é a primeira participante do programa a possuir amputação, independentemente de gênero. Não há registro anterior de participantes amputados, nem unilaterais, tampouco bilaterais, como é o seu caso. Sua participação representa, portanto, um acontecimento inédito na história de *Largados e Pelados*, introduzindo uma condição singular em um programa que se baseia na avaliação do desempenho físico em contextos extremos de sobrevivência.

Esse caráter exige uma compreensão particular das condições corporais implicadas em sua atuação. De acordo com Santana et al., a "amputação é definida como a retirada geralmente cirúrgica, total ou parcial de um membro do corpo, trazendo de forma implícita uma analogia com incapacidade pessoal e dependência funcional" (2014, p. 85). No caso específico, a participante sofreu amputação bilateral dos membros inferiores. Segundo as autoras, a amputação leva "à alteração do equilíbrio corporal, pois a ausência de um dos membros inferiores ocasiona a estes indivíduos um aumento considerável no risco de quedas, levando à diminuição da funcionalidade e a uma certa dependência" (Santana *et al.*, 2014, p. 85).

Diante disso, pressupõe-se que, para aceitar um desafio extremo como o proposto pelo programa, a participante tenha enfrentado previamente um processo intenso de reorganização corporal e reaprendizagem da locomoção de forma autônoma. Sua presença no reality não se reduz, portanto, ao desempenho observado durante os 21 dias de sobrevivência, mas carrega um percurso anterior de adaptação física e

funcional que tensiona os critérios de avaliação apresentados pela narrativa do programa e permite problematizar de que modo diferentes corpos e trajetórias são considerados, ou não, como trabalho legítimo no contexto analisado.

O episódio que resultou na amputação de ambas as pernas da participante ocorreu em 2014, quando, aos 21 anos, após ter sido drogada e estuprada, foi abandonada sobre trilhos de trem e posteriormente atingida, sobrevivendo, porém com a perda dos membros inferiores. Conforme apontam Silva e Vagostello (2017, p. 185), vítimas de violência sexual frequentemente apresentam sintomas como "estresse pós-traumático, depressivos, de ansiedade e alimentares, distúrbios sexuais e de humor, as alterações no sono e comportamentos evitativos e suicidas" (p. 185), indicando a profundidade dos impactos psíquicos associados a esse tipo de violência.

Após a amputação, a participante enfrentou um processo de reconstrução marcado por luto, alcoolismo, depressão e transtorno de estresse pós-traumático, conforme relatado em entrevistas e registros biográficos (Vaughan, 2022). Ainda assim, protagonizou, em 2018, um feito inédito ao tornar-se a primeira pessoa biamputada a escalar, sem próteses, o Manitou Incline, acumulando conquistas que tensionam narrativas convencionais de incapacidade atribuídas aos corpos amputados (Vaughan, 2022).

Esse percurso evidencia que sua participação no programa não se inscreve apenas como experiência individual de superação, mas como trajetória marcada por violência de gênero, reconstrução corporal e reconfiguração da autonomia feminina, elementos que atravessam sua atuação e o modo como seu desempenho é simbolicamente reconhecido no contexto do desafio.

É preciso salientar a singularidade da experiência vivida por esta participante. Nenhum outro participante apresentado no programa possui limitações físicas tão significativas. Diferentemente dos demais participantes, que mantêm os pés como ponto principal de contato com o solo para sua locomoção, ela realiza todo o deslocamento por meio das mãos, das regiões residuais de seus membros inferiores e de partes íntimas diretamente expostas.

Assim, o contato com o ambiente natural como espinhos, formigas, carrapatos, aranhas, a própria terra e folhas, e o calor do sol refletindo no solo, ocorre de maneira muito mais invasiva e potencialmente dolorosa, atingindo regiões do corpo dela que, nos demais participantes, permanecem protegidas ou menos expostas. Tal condição impõe um nível de vulnerabilidade e esforço físico único no contexto do programa, intensificando o dispêndio corporal necessário para a realização de tarefas básicas de sobrevivência. Ainda assim, esse acréscimo de esforço e risco não se converte, no interior da narrativa e dos critérios de avaliação do programa, em maior reconhecimento do trabalho realizado, isso evidencia um descompasso entre a materialidade da ação feminina e seu estatuto simbólico como trabalho legítimo.

Já o seu parceiro no programa, Jonny, é apresentado como ex-combatente do exército norte-americano, possuindo treinamento militar. Não há qualquer outra característica atribuída ao participante masculino por parte da produção do programa para justificar sua nota inicial, o que indica que sua trajetória militar opera como principal marcador de legitimidade e competência para a sobrevivência.

Ainda assim, mesmo diante de trajetórias profundamente distintas, a nota inicial atribuída à participante feminina mostra-se semelhante à de seu parceiro. Conforme declarado no programa, "com base no treinamento militar de Jonny, ele começa com uma ASP de 6.5" (Discovery Global Survival, 2025). Já sobre Mandy, afirmou-se que sua "tenacidade e a experiência em montanhismo renderam a ela uma ASP inicial de 6.7" (Discovery Global Survival, 2025).

A atribuição dessas notas evidencia que a experiência militar masculina é tomada como referência imediata de competência técnica para a sobrevivência, enquanto a trajetória da participante feminina, marcada pela superação física e pelo domínio de técnicas em ambientes extremos, algo que necessita de treinamento, aprendizagem e esforço, é apresentada sob a chave da resistência individual. A proximidade numérica entre as pontuações iniciais, ainda que aparentemente equivalente, revela critérios distintos de legitimação: ao homem atribui-se autoridade pela formação institucional e pelo vínculo com a guerra; à mulher, pela capacidade de resistir e adaptar-se a adversidades.

A proximidade entre as pontuações iniciais não decorre de trajetórias equivalentes, tampouco de reconhecimento proporcional das experiências apresentadas. Enquanto a nota masculina é explicitamente justificada pelo treinamento militar, a pontuação atribuída à participante feminina não se ancora na complexidade de competências técnicas adquiridas. A equivalência numérica, nesse contexto, não indica simetria de reconhecimento, mas a ausência de critérios que considerem as especificidades do percurso feminino e das habilidades mobilizadas para a sobrevivência.

A nota atribuída à participante feminina, mesmo diante de sua trajetória e das exigências físicas e simbólicas mobilizadas no desafio, sugere a persistência de uma lógica na qual às mulheres é socialmente atribuída a capacidade de superação como disposição natural, enquanto aos homens o treino para a guerra permanece associado à força, à ação e à defesa de si. Conforme Guillaumin (2014, p. 28):

> O próprio caráter público desse apoderamento, o fato de ele revestir-se aos olhos de muitos, e, em todo caso, dos homens em seu conjunto, de certo caráter "natural", de quase "auto evidência", é uma dessas expressões cotidianas e violentas da materialidade da apropriação da classe das mulheres pela classe dos homens. Com efeito, o roubo, a espoliação, o desvio, são ocultados, e, para apropriar-se de homens machos, é preciso uma guerra.

A naturalização dessa assimetria permite compreender por que o corpo masculino aparece como indisponível e associado à ação estratégica, enquanto o corpo feminino

permanece socialmente disponível e submetido a exigências contínuas de adaptação. Nesse contexto, a pontuação atribuída à participante feminina não expressa plenamente o esforço físico e psíquico mobilizado, inserindo-se em uma lógica mais ampla de naturalização do trabalho e da resistência das mulheres.

Ao longo do episódio, Mandy demonstrou capacidade de orientação espacial e tomada de decisão (Discovery Global Survival, 2025). Diante da exaustão na escavação inicial, foi ela quem observou a paisagem ao redor e identificou uma área ilhada no leito do rio. Por iniciativa própria, atravessou o curso d'água a nado e redefiniu o local da cacimba[1], o que possibilitou acesso mais eficiente à água para a dupla. A condução dessa tarefa envolveu leitura do ambiente, avaliação de risco e iniciativa autônoma, competências centrais à sobrevivência no contexto do desafio.

Desde o início do episódio, a participante também assumiu a condução das tarefas estruturais. Foi responsável pela construção da base da moradia, pela fixação das estacas, pela organização dos materiais e pela explicação dos procedimentos técnicos necessários à montagem do abrigo. Ao participante masculino coube, sobretudo naquele momento, a execução de tarefas como o corte de folhas e galhos, seguindo as orientações fornecidas por ela.

A distribuição das funções evidencia o exercício efetivo de liderança técnica e operacional por parte da participante feminina. Ainda assim, tal posição não é nomeada como liderança nem destacada como elemento central de competência na narrativa do programa, permanecendo enquadrada como colaboração ou apoio dentro da dinâmica da dupla.

Em determinado momento, Jonny saiu em busca de alimento e encontrou uma espécie de palmito. Ao mordê-lo, percebeu imediatamente uma reação alérgica e retornou ao abrigo afirmando que "parecia estar em chamas". Diante da situação, Mandy observou o vegetal coletado pelo parceiro e identificou tratar-se de uma planta tóxica conhecida como "orelha de elefante", cujas partes contêm cristais de oxalato de cálcio capazes de provocar irritações tópicas e gastrointestinais, incluindo inchaço na garganta, dor abdominal e vômito (Picturethis, 2025, s.p.). A participante orientou o consumo imediato e constante de água, evitando o agravamento do quadro.

Historicamente, "a coleta é predominantemente feminina e a participação masculina é esporádica e ocasional", sendo que "o trabalho de coleta feito pelas mulheres exige um relevante conhecimento e elaboração dos dados ambientais" (Tabet, 2014, p. 114). A aparência de que a caça seria a atividade mais nobre e a coleta uma tarefa simples não se sustenta diante da complexidade envolvida no reconhecimento de plantas comestíveis e tóxicas. Ao ingerir um vegetal sem identificar sua natureza, o participante masculino colocou em risco não apenas sua saúde, mas a permanência da dupla no programa. Foi o conhecimento técnico da participante que preservou a continuidade do desafio. Nesse sentido, "os espaços técnico-cognitivos que as mulheres conseguem manter e elaborar dentro deste quadro de limitação e opressão" (Tabet, 2014, p. 115) configuram-se como espaços de preservação da vida.

A atuação da participante não se restringiu a esse episódio. Após quatro noites de chuva e ausência de fogo, foi ela quem propôs a construção da fogueira, organizando as tarefas e coordenando o trabalho do parceiro. Também assumiu a pesca, mesmo relatando dores intensas nas nádegas e limitações físicas decorrentes da amputação. Tendo aprendido a lançar o anzol a partir do solo, ensinou a técnica ao companheiro e permaneceu ao seu lado durante toda a atividade (Discovery Global Survival, 2025). A coleta de água, a manutenção do fogo e a obtenção de alimento constituem práticas centrais à sobrevivência humana. Não se trata de ações secundárias ou complementares, mas de atividades que articulam técnica, saber ambiental e resistência física.

Ainda assim, em determinado momento, ao avaliar sua própria participação, a participante afirma: "o Jonny está fazendo a minha parte e eu me sinto um fardo" (Discovery Global Survival, 2025). A fala revela o quanto o trabalho vinculado ao cuidado e à manutenção da vida tende a ser naturalizado e invisibilizado. Como apontam Hirata e Kergoat (2007, p. 597), o trabalho doméstico e de cuidado é frequentemente tratado "como se sua atribuição às mulheres, e apenas a elas, fosse natural", deixando de ser reconhecido como trabalho propriamente dito. Mesmo sendo responsável por decisões técnicas e pela sustentação material da dupla, a participante internaliza a lógica de desvalorização, percebendo sua atuação como insuficiente.

Mandy também acorda com dores intensas decorrentes da síndrome do membro fantasma e apresenta sinais de instabilidade emocional. Em determinado momento, ao avaliar sua própria participação, afirma: "o Jonny está fazendo a minha parte e eu me sinto um fardo" (Discovery Global Survival, 2025). A fala não indica ausência de contribuição objetiva, mas evidencia a internalização de um regime simbólico no qual o trabalho associado ao cuidado, à manutenção do abrigo, à organização das tarefas e à transmissão de técnicas não se apresenta como trabalho legítimo aos próprios olhos de quem o executa.

No décimo sétimo dia, mesmo demonstrando desânimo e sofrimento físico, a participante mantém centralidade técnica nas atividades. Ao retornarem ao rio para pescar, é ela quem orienta o uso da rede, explicando a forma correta de lançá-la e conduzindo o momento decisivo da captura. Ainda que fragilizada corporal e emocionalmente, permanece no lugar de quem detém o saber operacional necessário à sobrevivência.

Na etapa final do episódio, os depoimentos revelam uma assimetria significativa entre reconhecimento discursivo e reconhecimento institucional. Jonny declara admiração pela parceira, afirmando tratar-se de "uma mulher notável" e descrevendo o desafio como um dos mais difíceis de sua vida (Discovery Global Survival, 2025). No entanto, a justificativa oficial para o aumento de sua ASP baseia-se na perda de 13kg, elevando sua nota de 6,5 para 6,9.

Já a participante feminina, que perdeu 9kg e desempenhou funções técnicas centrais ao longo do desafio, tem o acréscimo de sua pontuação justificado unicamente pelo fato de ter completado o percurso, passando de 6,7 para 7,1 (Discovery Global Survival, 2025). A equivalência numérica no aumento das notas não corresponde à equivalência de critérios. Enquanto a trajetória masculina é legitimada por indicadores objetivos explicitados pela narrativa, a feminina é enquadrada como resistência individual bem-sucedida.

Em seu depoimento final, Mandy não atribui centralidade ao ambiente hostil, mas relembra a tentativa de feminicídio que sofreu aos 21 anos, quando foi abandonada sobre trilhos de trem. Sua fala desloca o eixo do perigo da natureza para a violência de gênero, evidenciando que sua presença no programa é atravessada por uma história de apropriação e violência sobre o corpo feminino. Ainda assim, esse percurso não é incorporado como elemento estruturante da avaliação formal de sua capacidade de sobrevivência.

JONNNY ESTÁ FAZENDO A MINHA PARTE E EU ME SINTO UM FARDO

A visão tradicional sustenta que os homens seriam líderes natos, responsáveis por orientar caminhos tanto no âmbito familiar quanto no político. A liderança, como aponta Souza-Lobo (2021, p. 141), é comumente tratada "como uma esfera de atividade masculina". Contudo, a dinâmica observada no episódio evidencia um descompasso entre essa representação e o fazer concreto no interior do desafio.

Ao longo da experiência de sobrevivência, foi a participante feminina quem assumiu a responsabilidade pelas decisões centrais relativas à manutenção da vida. Mesmo diante da exaustão física e da busca incessante por água potável, manteve-se concentrada, orientou-se espacialmente e tomou a iniciativa de atravessar o rio e redefinir estratégias de sobrevivência para ambos. A condução das ações essenciais não se deu por atribuição formal de liderança, mas pela capacidade técnica e pela responsabilidade assumida diante das condições impostas.

A tese de que as mulheres não possuem controle emocional e que, por esse motivo, devem ser incluídas "nos grupos de mão-de-obra secundária – caracterizados pela instabilidade, baixos salários e desqualificação" (Souza-Lobo, 1991, p. 10), não encontra sustentação na situação analisada. O que se observa é uma participante com estabilidade emocional e domínio técnico suficientes para orientar e ensinar ao parceiro práticas essenciais de sobrevivência.

A dissociação entre quem exerce efetivamente a condução das ações e quem é simbolicamente reconhecido como líder revela que ocupar publicamente uma posição de autoridade não corresponde, necessariamente, à centralidade do fazer. A liderança exercida pela participante feminina permanece, assim, operante no plano material das ações, mas deslocada do campo do reconhecimento simbólico.

Outra passagem que merece destaque diz respeito à planta tóxica coletada por Jonny, ingerida sem conhecimento de sua natureza. Historicamente, "a coleta é predominantemente feminina e a participação masculina é esporádica e ocasional", sendo que "o trabalho de coleta feito pelas mulheres exige um relevante conhecimento e elaboração dos dados ambientais" (Tabet, 2014, p. 114). A aparência de que a caça constitui atividade mais nobre, enquanto a coleta seria simples ou irrelevante, não se sustenta diante da complexidade dos saberes mobilizados para a identificação de alimentos e riscos ambientais.

No episódio analisado, foi a participante feminina quem reconheceu a toxicidade do vegetal ingerido, explicou seus efeitos e orientou as medidas necessárias para evitar o agravamento do quadro. Sua intervenção fundamentada não apenas preservou a saúde do parceiro, mas assegurou a continuidade da dupla no desafio, evidenciando que o reconhecimento de plantas comestíveis e tóxicas constitui competência técnica central à sobrevivência.

O episódio evidencia que a coleta e o conhecimento ambiental não correspondem a tarefas simples ou intuitivas, mas a práticas que exigem aprendizagem, memória e capacidade interpretativa do território. Nesse sentido, "os espaços técnico-cognitivos que as mulheres conseguem manter e elaborar dentro deste quadro de limitação e opressão" (Tabet, 2014, p. 115) configuram-se como espaços de preservação e manutenção da vida, ainda que permaneçam simbolicamente desqualificados quando exercidos por mulheres.

A participante também enfrenta dores recorrentes associadas à síndrome do membro fantasma, condição que produz intenso desgaste físico e psíquico. Conforme Demidoff, Pacheco e Sholl-Franco (2007, s.p.), "dentre os sintomas descritos por pacientes com sensação de membro fantasma, os que se apresentam com maior frequência são: a dor 'fantasma'; dormência; queimação; câimbra; pontadas", podendo ser intensificados por fatores como "toque no coto ou pressão, mudança de temperatura, reflexos autônomos [ou] dor de outra origem". Ainda assim, mesmo submetida a um quadro contínuo de dor e instabilidade corporal, a participante manteve-se ativa nas tarefas de sobrevivência, reorganizando suas formas de atuação e adaptação ao ambiente.

Contudo, as implicações dessa condição não se restringem ao plano físico. Em determinado momento, ao avaliar sua própria participação, a participante afirma: "o Jonny está fazendo a minha parte e eu me sinto um fardo" (Discovery Global Survival, 2025). A fala evidencia que, mesmo desempenhando funções centrais à manutenção da dupla, o trabalho por ela realizado passa a ser percebido como insuficiente *aos seus próprios olhos*. O cuidado com o abrigo, a manutenção do fogo, a orientação técnica e o ensino de práticas de sobrevivência deixam de ser reconhecidos como trabalho, revelando a interiorização de uma lógica de desvalorização que atravessa a experiência feminina mesmo em contextos de sobrevivência extrema.

Isso revela o quanto o trabalho feminino, especialmente aquele ligado ao cuidado e à manutenção da vida,

é naturalizado a ponto de ser invisível: "como se sua atribuição às mulheres, e apenas a elas, fosse natural, e que o trabalho doméstico não seja visto, nem reconhecido" (Hirata; Kergoat, 2007, p. 597). Mais do que um trabalho doméstico, o trabalho desenvolvido por ela, até então, está vinculado à complexa multiplicidade que sustenta a vida humana em sua forma mais primitiva. Trata-se de um fazer que articula cuidado, técnica, resistência física e mental, e saberes ambientais.

Ao final do episódio, a fala de Jonny indica que a resistência mental constituiu, para ele, o aspecto mais difícil do desafio, que descreve como um dos maiores de sua vida. A participante feminina, contudo, não associa sua dor principal ao ambiente ou ao esforço físico exigido pela sobrevivência. Em seu depoimento final, rememora a tentativa de feminicídio que resultou na amputação de seus membros inferiores, evidenciando que sua experiência no programa é atravessada por uma trajetória prévia de violência de gênero. A possibilidade de conviver com um parceiro masculino em situação de vulnerabilidade extrema é apresentada, por ela, como fonte de apreensão maior do que as próprias condições ambientais do desafio.

A crítica à assimetria entre os desempenhos masculinos e femininos também aparece de forma recorrente entre telespectadores em espaços digitais de debate, como o *subreddit r/nakedandafraid*, dedicado à discussão do programa. Em um dos tópicos mais acessados, intitulado "ASP de homens vs mulheres parece enviesado", uma usuária relata: "Assisti a todas as temporadas e geralmente parece que os homens são avaliados mais alto, especialmente depois dos desafios, apesar das mulheres terem algumas vitórias de equipe bem legítimas […]. Também parece subestimar a força mental e emocional".

Outro tópico, sob o título "Por que eles quase sempre dão aos homens melhores ASPs?", reúne depoimentos semelhantes, incluindo o de um usuário que afirma: "Os ASP masculinos são cerca de 0,65 maiores que os femininos", fazendo referência a uma análise estatística independente realizada por fãs da série (Fnordinand, 2016; Waterydesert, 2021). Soma-se a isso o fato de não haver divulgação dos critérios de cálculo da ASP, o que impede a compreensão dos parâmetros de avaliação e limita qualquer possibilidade de contestação externa.

ENCERRAMENTO: RESISTIR NÃO BASTA QUANDO O RECONHECIMENTO FALHA

Este artigo buscou analisar como o programa *Largados e Pelados* considera o trabalho das mulheres no contexto de sobrevivência. A partir de uma abordagem qualitativa de natureza crítica e da análise dos discursos e enquadramentos narrativos do episódio selecionado, o que se evidencia é a constituição de um regime de reconhecimento seletivo, no qual o fazer feminino, mesmo quando técnico e estratégico, é desqualificado por sua inscrição no corpo da mulher. As análises aqui propostas não pretendem encerrar o debate, mas ampliá-lo.

Os dados apresentados e o episódio analisado expõem o quanto os critérios de avaliação presentes em *Largados e Pelados* se articulam a uma lógica de apagamento do trabalho feminino, que atravessa não apenas a narrativa televisiva, mas também a própria estrutura social. A leitura crítica das falas, pontuações e enquadramentos narrativos permitiu identificar padrões recorrentes de legitimação e deslegitimação das ações de sobrevivência, ainda que se trate de um programa de entretenimento. As escolhas da edição, as justificativas atribuídas às notas e a condução narrativa refletem e reproduzem valores historicamente arraigados: o protagonismo masculino é reiteradamente exaltado, enquanto o trabalho das mulheres é naturalizado, subvalorizado e, por vezes, invisibilizado.

Os critérios de avaliação utilizados pelo programa permanecem obscuros e não explicitados, o que impede qualquer contestação objetiva e, paradoxalmente, reforça a aparência de imparcialidade. A análise das pontuações iniciais e finais, articulada à análise crítica do discurso presente na edição do episódio, evidencia que a recorrência de notas iguais ou inferiores atribuídas às mulheres, mesmo diante de desempenhos notavelmente superiores, expressa julgamentos de gênero e vincula às mulheres funções de suporte, repetição e extensão da ação masculina.

Nesse sentido, o corpo feminino não apenas atua como ferramenta, mas é apropriado como instrumento de uso alheio, não por escolha ou reconhecimento, mas por uma suposta disponibilidade: seja para alimentar, cuidar, aquecer, aliviar, reproduzir ou consolar. Essa concepção não reconhece a autonomia da ação feminina, suas técnicas, seu uso do tempo, seu esforço físico e emocional. A análise realizada demonstra que tal invisibilização opera simultaneamente no plano material das ações e no plano simbólico de seu reconhecimento, produzindo um descompasso entre aquilo que sustenta a sobrevivência e aquilo que é legitimado como trabalho.

Que esta análise não se encerre como resposta, mas se afirme como provocação. Que se tornem visíveis os critérios implícitos que moldam o reconhecimento dentro e fora das telas. E que se possa afirmar, com base na experiência analisada, que as mulheres resistem não apenas à selva, mas também à narrativa, ao julgamento desigual, ao esquecimento e à desvalorização sistemática de tudo aquilo que fazem para manter a vida possível.

NOTA

1 O termo "cacimba" refere-se a um poço escavado próximo a fontes de água para facilitar sua extração e filtração, especialmente em locais de difícil acesso ao lençol freático.

REFERÊNCIAS

APPLE TV. *Largados e Pelados*. Disponível em: https://tv.apple.com/br/show/largados-e-pelados/umc.

cmc.12d7g3ghdgsftkq0g13n204qv. Acesso em: 18 jul. 2025.

DEMIDOFF, Fernanda P.; PACHECO, Ronei X. S.; SHOLL-FRANCO, André. Membro fantasma: dor e neuroplasticidade. *Revista Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 3, p. 607-614, set./dez. 2007. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212007000300022. Acesso em: 29 jul. 2025.

DICIO. Cacimba. *Dicionário Online de Português*. [S.l.], [2025]. Disponível em: https://www.dicio.com.br/cacimba/. Acesso em: 21 jul. 2025.

DISCOVERY GLOBAL SURVIVAL. *Largados e Pelados*. Temporada 18, episódio 1. Direção: Robert Michael Kelly; Kyle Hunter; Ariel Shaffir. Produção: Gretchen Morning. [S.l.]: Discovery Global Survival, 2025. Reality show. Disponível em: https://www.discovery.com.br/show/largados-e-pelados. Acesso em: 21 jul. 2025.

DISCOVERY GLOBAL SURVIVAL. *Largados e pelados*. Temporada 18, episódio 1. Discovery Channel, 2025. 1 episódio (45 min), sonoro, colorido.

FEDERICI, Silvia. *O Calibã e a bruxa*: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FNORDINAND. Comentário em: Por que eles quase sempre dão aos homens melhores PSRs? *Reddit*, r/nakedandafraid, 2016. Disponível em: https://www.reddit.com/r/nakedandafraid/comments/6fnvpc/why_do_they_almost_always_give_the_men_better_psrs/. Acesso em: 29 jul. 2025.

FRASER, Nancy. Contradições entre capital e cuidado. *New Left Review*, n. 100, 2016. Tradução de Felipe Catalani. Disponível em: https://newleftreview.org/issues/ii100/articles/nancy-fraser-contradictions-of-capital-and-care. Acesso em: 09 jul. 2025.

GILLIGAN, Carol. *Uma voz diferente*: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.

GIRARDIN, Ralph H. *FM 4-0: o novo manual de logística do Exército dos Estados Unidos*. Army University Press, Edição Brasileira. 2020. Disponível em: https://www.armyupress.army.mil/Journals/Edicao-Brasileira/Artigos-Exclusivamente-On-line/Artigos-Exclusivamente-On-line-de-2020/FM-4-0-O-Novo-Manual-de-Logistica-do-Exercito-dos-Estados-Unidos/. Acesso em: 21 jul. 2025.

GUILLIAUMIN, Colette. A apropriação das mulheres. In: FERREIRA, Verônica et al. (org.). *O patriarcado desvendado*: teorias de três feministas materialistas: Colette Guillaumin, Paola Tabet e Nicole Claude Mathieu. Recife: SOS Corpo, 2014. p. 24-100.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. O trabalho reprodutivo: um conceito estratégico. *In*: HIRATA, Helena *et al. Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2007. p. 597–599.

HORVATH, Mandy. Conquering limb loss, mountains and trust. Entrevista concedida a Kerryn Vaughan. *Podcast Conversations with Kerryn Vaughan*, [s.l.], 14 maio 2021. Disponível em: https://www.kerrynvaughan.com/podcast1/mandy-horvath-conquering-limb-loss-mountains-and-trust. Acesso em: 21 jul. 2025.

KERGOAT, Danièle. O cuidado e a imbricação das relações sociais. In: KERGOAT, Danièle. *Em defesa de uma sociologia das relações sociais*. Campinas: Papirus, 2016. p. 15-30.

LÖSCH, Silmara; RAMBO, Carlos Alberto; FERREIRA, Jacques de Lima. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 18, n. 00, e023141, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.17958. Acesso em: 18 jul. 2025.

MADALOZZO, Regina; MARTINS, Sergio Ricardo; SHIRATORI, Ludmila. Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais? *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 351–370, maio/ago. 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/gbgdmpG3RP3bdpqNvDHBsRr/?lang=pt. Acesso em: 10 jul. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621–626, 2012. DOI: 10.1590/S1413-81232012000300007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/tGBVY6ytpp9wXKPNbxhYzCm. Acesso em: 18 jul. 2025.

PICTURETHIS. Orelha-de-elefante-gigante é tóxico para os humanos. *PictureThis – Identificador de Plantas*, 2025. Disponível em: https://www.picturethisai.com/pt/toxic/Alocasia_macrorrhizos.html. Acesso em: 21 jul. 2025.

SALLES, Helena Kuerten de; DELLAGNELO, Eloise Helena Livramento. A análise crítica do discurso como alternativa teórico-metodológica para os estudos organizacionais: um exemplo da análise do significado representacional. *Organizações & Sociedade*, Salvador, v. 26, n. 90, p. 414–434, jul./set. 2019. Disponível em: https://www.revistaoes.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/1984-9260902. Acesso em: 18 jul. 2025.

SANTANA, Fábia Maria de et al. Dependência Funcional em Amputados de Membros Inferiores Cadastrados nas Unidades Básicas de Saúde. *ID on line – Revista de Psicologia*, v. 8, n. 22, p. 85 e seguintes, fev. 2014. Disponível em: http://dx.doi.org/10.14295/idonline.v8i22.265. Acesso em: 21 jul. 2025.

SILVA, Erick Pereira da; VAGOSTELLO, Lucilena. Intervenção psicológica em vítimas de estupro na cidade de São Paulo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 69, n. 3, p. 183-198, 2017.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. 3. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Expressão Popular, 2021. Capítulo: As operárias, o sindicato e o discurso sociológico, p. 125–165. Redigido em colaboração

com Elisabeth Higgs e apresentado originalmente no GT "Mulher na força de trabalho" do VII Encontro da ANPOCS, 1983.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. O trabalho como linguagem: o gênero no trabalho. *BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 7-16, 1991.

TABET, Paola. Mãos, instrumentos, armas. *In*: FERREIRA, Verônica; ÁVILA, Maria Betânia; FALQUET, Jules; ABREU, Maira (org.). *O patriarcado desvendado: teorias de três feministas materialistas: Colette Guillaumin, Paola Tabet e Nicole-Claude Mathieu*. Recife: SOS Corpo, 2014. p. 101-174.

TAMANINI, Marlene. Para uma epistemologia do cuidado: teorias e políticas. *In*: TAMANINI, Marlene *et al.* (org.). *O cuidado em cena*: desafios políticos, teóricos e práticos. Florianópolis: UDESC, 2018. p. 31–72.

VAUGHAN, Kerryn. *Conquering limb loss, mountains and trust – Mandy Horvath*. Podcast Conversations with Kerryn Vaughan, 2022. Disponível em: https://www.kerrynvaughan.com/podcast1/mandy-horvath-conquering-limb-loss-mountains-and-trust. Acesso em: 21 jul. 2025.

WATERYDESERT. *PSR de homens vs mulheres parece enviesado*. *Reddit*, r/nakedandafraid, 2021. Disponível em: https://www.reddit.com/r/nakedandafraid/comments/tg4yye/psr_of_men_vs_women_seems_skewed/. Acesso em: 29 jul. 2025.

AGRADECIMENTOS
Os agradecimentos não foram incluídos pelos autores.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES
A contribuição de cada autor não foi especificada pelos responsáveis.

CONFLITO DE INTERESSES
Não declarado.

AGÊNCIA DE FOMENTO
Não declarado.

SOBRE OS AUTORES

Elisa Pimentel Barbosa. Mestre em Educação pelo Instituto Federal de Goiás (IFG), com pesquisa voltada à Educação de Jovens e Adultos e trabalho docente. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Goiás (UFG), com ênfase nos estudos sobre o trabalho e docência. Graduada em Pedagogia e Gestão de Recursos Humanos, com especializações nas áreas de Gestão Educacional e Educação Profissional e Tecnológica. Atua como professora da Educação Básica na rede municipal de Senador Canedo (GO) e como professora de graduação na área de Negócios (Administração e Recursos Humanos) na Universidade Estácio de Sá – Unidade Estação.

Maria Izabel Machado. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2017). Doutorado sanduíche na Universidad Oscar Lucero Moya (Holguin, Cuba) (2015). Mestre em Sociologia pelo de Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná - UFPR (2012). Atualmente é professora da carreira de magistério superior da Universidade Federal de Goiás, lotada na Faculdade de Educação, atuando ainda como docente permanente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Direitos Humanos (UFG) e do Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE (UFG).

Priscylla Lorrana Rodrigues Prazeres de Moura. Graduada em Pedagogia pelo Instituto Federal Goiás Câmpus Goiânia Oeste (2021). Atualmente é mestranda do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Linguagem e Tecnologia da Universidade Estadual de Goiás. Atua como professora - Secretaria Municipal de Educação de Senador Canedo. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Ensino-Aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: dificuldades de aprendizagem, formação de professores, educação indígena, leitura e escrita, educação intercultural e práticas criativas.